

“Bandoleiros, Vagabundos e Criminosos”: A Construção da Realidade a Partir dos Discursos no *Blog* de Reinaldo Azevedo Durante os Protestos de Junho de 2013¹

Daniel SCHIAVONI²

José Isaias VENERA³

Universidade do Vale do Itajaí, SC

Resumo

Análise dos discursos do *blog* de Reinaldo Azevedo durante os protestos de junho de 2013. São analisadas 113 postagens, no período de 07 a 21/06, para problematizar a construção da realidade. Para isso, a análise opera sobre enunciados que vão além da função de descrever os fatos, configurando-se como um discurso regulador de como se deve ver e significar uma dada realidade sem a qual não existiria. O texto opinativo como um dos gêneros do discurso jornalístico é analisado nesta pesquisa como participante da construção de uma realidade, fazendo da narrativa o próprio acontecimento. Assim, o discurso não é tomado como uma instância mediadora que daria conta de representar o fato para o receptor, mas constitui-se como *palavras de ordem*, conceito de Gilles Deleuze e Félix Guattari, cuja função é disciplinar os sentidos pelo modo como convoca o sujeito a partilhar da mesma realidade.

Palavras-chave: linguagem; discurso; jornalismo; comunicação.

1. Introdução

Em junho de 2013, o Brasil viveu uma convulsão social jamais vista desde o movimento Diretas Já (1983-84). As chamadas “Jornadas de Junho” pautaram os noticiários de todo o país, forçando um debate acerca das novas formas de protesto, sem o protagonismo dos partidos políticos e com uma forte adesão da juventude. Convocados pelo Movimento Passe Livre (MPL) – entidade até então ignorada pela mídia *mainstream* –, os atos escaparam dos modelos já conhecidos de mobilização social, muito, em certa medida, pela horizontalidade, ou seja, sem a figura de um líder que falasse por todos, e pluralidade de vozes, o que torna difusos os discursos dificultando o movimento da grande mídia de objetivar os eventos numa narrativa unificadora.

Nesse processo, o discurso da grande mídia foi marcado por enunciados que enquadravam as pessoas que se juntavam aos protestos ora como vândalos – como na fase

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando do Curso de Jornalismo da Univali. E-mail: daniel.schia@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Univali, doutorando em Ciências da Linguagem pela Unisul. Bolsista do Uniedu Pós-graduação (Programa de bolsas universitárias de Santa Catarina). E-mail: j.i.venera@gmail.com

centrada nos protestos contra o aumento de R\$ 0,20 na tarifa do transporte público, ora como manifestantes que reivindicavam mais qualidade nos serviços de saúde, de educação, luta pelo combate à corrupção na política, etc.

Para analisar a construção da realidade discursiva neste processo, foram selecionadas postagens do jornalista e blogueiro, Reinaldo Azevedo. Seu *blog* é hospedado no site da revista Veja e já recebia, em 2012, mais de 4 milhões de acessos mensais⁴.

Para a análise, parte-se da noção de discurso de Michel Foucault(1987) e de sua noção de dispositivos de poder, no qual a prática jornalística se constitui como um campo de visibilidade que disciplina o olhar (do receptor) ao selecionar os fatos que devem ter visibilidade neste espaço, além de regular os sentidos produzindo efeitos de verdade.

As marcas do discurso, cuja função é de produzir um efeito de verdade para cristalizar uma realidade, são articuladas, neste trabalho, por meio do conceito *palavras de ordem* de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), que consideravam a linguagem não uma força persuasiva, mas de comando, incitando a agir.

2. Natureza opinativa do objeto

O jornalismo pode ser dividido em três gêneros (BELTRÃO, 1980): informativo, interpretativo e opinativo. Marques de Melo (1985), para quem os gêneros jornalísticos são apenas informativo e opinativo, os distingue por meio de dois critérios: a *intencionalidade* e a *natureza estrutural do relato*. Sobre a intencionalidade, o autor divide as obras jornalísticas em aquelas que buscam reproduzir o real e aquelas que oferecem uma leitura do real. Quanto à estrutura, leva-se em consideração a forma como acontecimentos são narrados: nos gêneros informativos, as variáveis em torno produção da notícia (personagens e fontes) são externas à instituição jornalística, sendo responsabilidade direta da articulação do jornalista. Sobre as produções opinativas, Melo escreve: “[...] a estrutura da mensagem é co-determinada por variáveis controladas pela instituição jornalística e que assumem duas feições: autoria (quem emite a opinião) e angulação (perspectiva temporal ou espacial que dá sentido à opinião)” (1985, p. 48).

As expressões do gênero opinativo podem ser divididas nas seguintes categorias: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta. Sendo objeto de

⁴ Veja, Reinaldo Azevedo puxa a fila dos blogs milionários em acessos do site de Veja. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/direto-ao-ponto/reinaldo-azevedo-puxa-a-fila-dos-blogs-milionarios-em-acessos-do-site-de-veja/>>. Acesso em 13 de abril de 2016.

estudo deste trabalho a produção de Reinaldo Azevedo, será dada a ênfase à categoria a qual seu discurso mais se assemelha: o comentário.

[...] o comentário emerge como gênero definido, realizando uma apreciação valorativa de determinados fatos. A ótica utilizada não é necessariamente a da empresa. Abre-se oportunidade para que o jornalista competente possa emitir suas próprias opiniões, responsabilizando-se naturalmente por elas (MELO, 1985, p. 86).

Outra característica apontada por Melo para o comentário é a continuidade, que tende a acompanhar o desenrolar dos fatos e atribuir sentido para melhor compreensão do público.

Apesar de possuir as características de um comentário evidenciadas acima, a liberdade dada pelo meio digital impede o completo enquadramento de uma peça jornalística nos modelos antes existentes. Além disso, o caráter acadêmico dessa classificação não reflete em sua totalidade o que acontece no mercado editorial, situação que já seria descrita por Melo e Assis: “Os gêneros jornalísticos não são estáticos. Ao contrário possuem tendência híbrida e dialética” (2010, p. 107).

É válido ressaltar, no entanto, que Azevedo refere-se às suas publicações como artigos. Essa significação, como aponta Melo, é fruto do senso comum e diz respeito a todo texto publicado em veículos midiáticos.

3. Práticas Discursiva e *Palavras de Ordem*

O discurso, no jornalismo, está relacionado à construção de sentido, à produção de um efeito de verdade que se produz sobre o receptor. O discurso não se refere ao significado das palavras ou a uma relação direta entre o signo e a realidade externa a ele, mas sim a “[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que eles fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala” (FOUCAULT, 1987, p.56).

Irredutível à língua, o discurso se insere sistematicamente aos atos, diz respeito à posição do sujeito e à forma como se insere num campo do poder, por onde as lutas são travadas: “[...] os circuitos da comunicação são os suportes de apoio do poder; a totalidade do indivíduo não é amputada, reprimida, alterada por nossa ordem social, mas o indivíduo é

cuidadosamente fabricado, segundo uma tática das forças e dos corpos” (FOUCAULT, 1999, p. 179).

Não é de se estranhar que aquilo que pode ou não ser dito num veículo de comunicação, neste caso a Revista Veja, está circunscrito num campo discursivo. Desta forma, Reinaldo Azevedo coloca em prática o discurso que se estrutura a partir do que Foucault chama de dispositivo de poder.

A prática jornalista se dá no que passamos a denominar de dispositivos pelo qual o poder pode ser exercido. “O poder é alguma coisa que opera através do discurso, já que o próprio discurso é um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder” (FOUCAULT, 2003, p. 252).

Não distante, outros dois autores – interlocutores de Foucault – desenvolveram outro conceito que se torna relevante para esta análise. A comunicação enquanto prática discursiva é exercida por meio do que Deleuze e Guattari (1995) chamam de *palavras de ordem*:

Chamamos 'palavras de ordem' não uma categoria particular de enunciados explícitos (por exemplo, no imperativo), mas a relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos, ou seja, com atos de fala que se realizam no enunciado, e que podem se realizar apenas nele. As palavras de ordem não remetem, então, somente aos comandos, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma 'obrigação social' (1995, p.16).

Deleuze e Guattari (1995) afirmam que os jornais e notícias também estão inseridos neste contexto por dizer ao receptor da mensagem o que é necessário pensar, reter ou esperar. Essencialmente, não se faz o uso de uma linguagem informativa, mas sim da transmissão de *palavras de ordem* em seus enunciados.

Gomes (2004) sugere a existência de uma interdependência nos conceitos de *palavras de ordem*, de Deleuze e Guattari, e de *dispositivo disciplinar*, concebido por Foucault. Para a autora, existe uma propriedade que diz respeito ao fato de que o aprendizado de uma língua implica em internalização de regras que colocarão coordenadas à nossa apreensão do mundo (GOMES, 2004, p.15).

As disciplinas, segundo Foucault, são “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade” (1987, p.118). Ainda na teoria foucaultiana, explica Gomes, os dispositivos disciplinares funcionam como significações que derivam de um discurso-base, onde se sustentam e de onde derivam.

Ao selecionar os termos e expressões para qualificar esta ou aquela fonte ou personagem, o interlocutor (jornalista) recorta, hierarquiza, insere ou exclui (do que foi dito o que não deve integrar a narrativa) do campo de visibilidade que vai compor a realidade. Como explica Gomes:

Nomear é isolar campos, é instrumento não de representar o mundo como ele é, mas de recortar: arrancamos uma parte do humano e a instituímos num outro tipo de existência, que se presta a hierarquizações, a inserções ou exclusões no plano social (2004, p.11)

3. O Meio é um Dispositivo por onde o Poder é Exercido

A revista semanal *Veja* é uma publicação da editora Abril. O semanário, criado em 1968 pelos jornalistas Roberto Civita e Mino Carta, foi inspirado nas americanas *Time* e *Newsweek* (VILLALTA, 2012).

Em pouco tempo, *Veja* tornou-se a revista de maior tiragem no Brasil. Em 2013, a circulação média do periódico, de acordo com a Associação Nacional de Editores de Revista, foi de 1.085.536 por edição⁵. A linha editorial da *Veja* se integra no campo da imprensa liberal, adotando para si lemas como responsabilidade social e o conceito de quarto poder, ocultando ser portadora de interesses (SILVA, 2009). Segundo Silva:

A revista busca definir quais são suas “funções” e “missão”, sempre se credenciando como um jornalismo sério, objetivo e confiável, reiteradas e insistentes vezes. Ao fazer isso, se dá o direito de apresentar a realidade da forma que lhe convém, buscando apagar discursivamente as suas contradições e, fundamentalmente, os sujeitos e interesses reais defendidos (2009, p. 23).

Jornalista da *Veja*, José Reinaldo Azevedo e Silva passou a atuar somente como blogueiro, comentarista e colunista desde 2009. Além do *blog* hospedado no site da revista *Veja*, tem uma coluna de opinião no jornal *Folha de S. Paulo* e atua na rádio *Jovem Pan*, onde comenta sobre política para o “*Jornal da Manhã*” e apresenta o programa “*Os Pingos nos Is*”.

4. Eventos de Junho de 2013

⁵ Aner, Circulação das revistas semanais – 2013x2014 (Jan a Set). Disponível em < <http://aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao/>>. Acesso em: 13 de abril de 2016.

As manifestações de junho de 2013 geraram análises e opiniões diversas acerca do novo cenário político que se criava. A variedade de pautas, a horizontalidade do movimento e a interação internet-rua eram características que desafiavam os comentaristas.

As novas tecnologias, como celulares *smartphones*, permitiram uma cobertura em tempo real do que se passava nas ruas, evidenciando cenas de abuso por parte das autoridades policiais. As redes sociais se tornaram um outro campo de batalha, onde vídeos e fotos eram compartilhados tanto para criticar quanto para apoiar a ação da polícia.

As imagens que circulavam, sobretudo, nas redes sociais da Internet mostravam a violência das forças policiais contra manifestantes e, até mesmo, contra jornalistas. Mesmo assim, a grande mídia, com raras exceções, enquadrava os manifestantes na posição de vândalos.

Distante da participação do evento, mas ativo da produção de conteúdo, a imprensa se interpõe como mediadora do que deve integrar o imaginário social. Nesse ponto, o jornalista Azevedo – autodeclarado de “direita liberal” –, que possuía cerca de 4 milhões de visitas mensais em seu *blog* na *Veja online*, passa a ser personagem de destaque no modo como regulou os sentidos sobre o evento.

5. A fabricação da realidade pelo discurso do blogueiro

Nos *posts* de Reinaldo Azevedo pode-se observar quatro temas em torno dos quais giram seus comentários: o manifestante; a polícia; o político; e a imprensa. Em cada tema, observa-se que a comunicação se dá por *palavras de ordem*, enunciados que funcionam como suporte do poder. Por isso, no decorrer dos protestos, o modo como Azevedo qualifica os personagens envolvidos se altera conforme as relações que se estabelece, como, por exemplo, ao se referir ao governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), ou ao prefeito da capital, Fernando Haddad (PT).

5.1 De Bandido a Manifestante

A construção de um perfil para os manifestantes foi uma das temáticas mais recorrentes nos textos de Azevedo durante o período analisado. O próprio uso da palavra “manifestante” serviu para hierarquizar quem saiu às ruas em 2013. Esse comportamento evidencia-se já em seu primeiro texto – intitulado “Passe livre? Lugar de delinquente é na

cadeira ou na Fundação Casa”⁶ – sobre os protestos de junho. No texto, o jornalista caracteriza aqueles que participaram do protesto como delinquentes, vagabundos e “bandidinhos” e exige punição, apontando a “cadeia” e a Fundação CASA – Centro de Atendimento Socioeducativo para Adolescentes do Estado de São Paulo – como solução para a manifestação. O termo “manifestante” não aparece nenhuma vez no decorrer da publicação.

Esses bandidinhos precisam pagar por aquilo que fazem. E é preciso deixar claro quem está protestando na rua. [...] Lugar de bandido que depreda bens públicos e põe em risco a segurança de terceiros é, a depender da idade, a cadeia ou a Fundação Casa (AZEVEDO, 2013).

Azevedo viria a utilizar a palavra “manifestante” apenas em seu quinto artigo – “Passe Livre: Milhões de trabalhadores e estudantes são reféns da truculência de meia dúzia de bandidos fascistoides; entes do estado brasileiro, patrulhados por militantes da imprensa, se mostram fracos e hesitantes na manutenção da ordem”⁷ – e, ainda assim, sob uma perspectiva negativa: a ocupação de vias públicas pelos manifestantes, segundo o artigo, poria em risco a vida de terceiros. Para o jornalista, esse risco justificaria a ação repressiva da polícia.

Todos esses que escolhem uma via central na cidade para se manifestar não fazem reivindicação, mas chantagem. E tornam o povo refém ou de seus interesses particulares ou de suas ideologias amalucadas (AZEVEDO, 2013).

Até o dia 15/06/13, “manifestante” era uma palavra pouco utilizada por Azevedo e, quando usada, representava alguma espécie de infração. O tom muda completamente no artigo – “Protesto pacífico no DF é reprimido com bombas de gás, *spray* de pimenta e balas de borracha. Cadê José Eduardo Cardozo? Ou repressão promovida por petista é poesia de resistência?”⁸ – sobre protestos ocorridos no Distrito Federal e, em outro – “BH, com a terceira maior manifestação do país, teve confrontos, bombas de gás e balas de borracha”⁹

⁶ AZEVEDO, Ricardo. *Passe Livre? Lugar de delinquente é na cadeia ou na Fundação Casa*. Em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/passe-livre-lugar-de-delinquente-e-na-cadeia-ou-na-fundacao-casa/>>. Acesso em: 23/05/16

⁷ Em <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/passe-livre-milhoes-de-trabalhadores-e-estudantes-sao-refens-da-truculencia-de-meia-duzia-de-bandidos-fascistoides-entes-do-estado-brasileiro-patrulhados-por-militantes-da-imprensa-se-mostram-frac/>>. Acesso em: 23/05/16

⁸ Em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/protesto-pacifico-no-df-e-reprimido-com-bombas-de-gas-spray-de-pimenta-e-balas-de-borracha-cade-jose-eduardo-cardozo-ou-repressao-promovida-por-petista-e-poesia-de-resistencia/>>. Acesso em: 24/05/16

⁹ Em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/bh-com-a-terceira-maior-manifestacao-do-pais-teve-confrontos-bombas-de-gas-e-balas-de-borracha/>>. Acesso em: 24/05/16

–, em Belo Horizonte. No último, Azevedo reproduz uma matéria do jornal *O Globo* e, em seu comentário, enfatiza que a causa do protesto eram os gastos com a Copa do Mundo.

A partir desse momento, fica evidente a separação dos “manifestantes”. Os que estão engajados contra o aumento da tarifa do transporte público são criminalizados, como fica evidente nos artigos dos dias 16/06/13 – “Os incendiários da elite não aceitam ser enquadrados pela lei que serve ao povo”¹⁰ e 19/06/13 – “Fascistas destrambelhados, brincando de democracia direta, usam os vândalos a serviço de sua causa [...]”¹¹. Nos textos, Azevedo descreve os participantes dos protestos como “fascistóides”, “vândalos”, “bandidos” e associa seus rostos mascarados às rebeliões comandadas por PCC (Primeiro Comando da Capital) e Comando Vermelho. Aqueles que lutam por outras pautas, como a punição de políticos envolvidos em escândalos de corrupção e contra os gastos da Copa do Mundo, são poupados de adjetivos na maioria dos casos em que são citados no *blog*. Quando existe o juízo de valor nesses casos, a palavra de ordem a se destacar é “pacífico.”

5.2 O jornalista da polícia

A ação das forças policiais para conter os atos de violência nas manifestações foi outro aspecto que recebeu a atenção do colunista. Do começo ao fim do período analisado, Azevedo defende a atuação da polícia em todos os casos em que ela é citada, com exceção do artigo – “Protesto pacífico no DF é reprimido com bombas de gás, *spray* de pimenta e balas de borracha. Cadê José Eduardo Cardozo? Ou repressão promovida por petista é poesia de resistência?”¹² – sobre o protesto no Distrito Federal.

Em seus textos, as *palavras de ordem* associadas às forças policiais tendem a ser brandas, mesmo em situações em que a atuação da polícia foi amplamente criticada pelos demais veículos midiáticos. O exemplo mais palpável se dá no artigo – “Vagabundos roubam quase três horas do meu dia. Estão com a vida ganha! Ou: Mal-estar da civilização é uma pinoia!”¹³ – do dia 13/06/2013. Na ocasião, jornalistas de outros veículos de mídia acabaram feridos por balas de borracha e estilhaços de bombas lançadas pela Polícia Militar

¹⁰ Em: < <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/os-incendiarios-da-elite-nao-aceitam-ser-enquadrados-pela-lei-que-serve-ao-povo/>>. Acesso em: 27/05/2016

¹¹ Em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/fascistas-destrambelhados-brincando-de-democracia-direta-usam-os-vandalos-a-servico-de-sua-cao-ou-quem-saqueia-loja-incide-no-codigo-penal-quem-impede-o-direito-de-ir-e-vir-viola-a-constituicao/>>. Acesso em: 24/05/16

¹² Idem 3.

¹³ Em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/vagabundos-roubam-quase-tres-horas-do-meu-dia-estao-com-a-vida-ganha-ou-mal-estar-da-civilizacao-e-uma-pinoia/>>. Acesso em: 30/05/2016

do Estado de São Paulo. Azevedo chega a atribuir os ferimentos à falta de prudência das vítimas:

Há jornalistas feridos. É claro que é lamentável e é claro que eventuais excessos têm sempre de ser coibidos. Comprovados, têm de ser punidos. Mas policial não é obrigado a saber quem é quem não é jornalista. No meio de um confronto, também não me parece prudente enfiar a câmera na cara de um soldado. (AZEVEDO, 2013)

Em outro artigo – “Haddad, com muita coragem, critica a polícia!”¹⁴ – reforça a ideia da impossibilidade de identificar um jornalista numa situação de confronto:

Pior — e melhor para os petistas: há jornalistas feridos, o que tende a gerar uma reação corporativista da imprensa, como se, naquele inferno, policiais tivessem como saber quem é quem” (AZEVEDO, 2013).

Mas a construção mais detalhada do perfil de policial que se repetiria em todos os seus demais artigos acontece em 12/06/2016 – “Vagabundos tentam linchar um policial. Ou: Fascistas arrancam sangue do verdadeiro homem do povo”¹⁵. No texto, que aborda o ataque de um grupo de manifestantes contra um soldado da Polícia Militar paulista, Azevedo atribui ao policial a alcunha de “verdadeiro homem do povo”.

Dessa forma, o autor constrói seu discurso de forma imperativa, numa espécie de maniqueísmo, onde as forças policiais são retratadas como defensoras do patrimônio e do direito de ir e vir. Aos manifestantes, é atribuído o papel de agentes do caos, de quem a cidade precisa ser protegida. Essa lógica se explicita no trecho¹⁶:

Aí, então, essa gente precisa sentir o peso da democracia quando fardada — porque ela resgata e preserva direitos. Se houve excessos, que sejam punidos. Ocorre que, com alguma frequência, se está a chamar de excesso a reação normal de uma força militar que foi agredida. (AZEVEDO, 2013)

Apenas em um dos textos é questionado o uso do aparato policial para reprimir manifestações. Nesse artigo, no entanto, o autor atribui a responsabilidade da ação ao então

¹⁴ Em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/haddad-com-muita-coragem-critica-a-policia/>>. Acesso em 31/06/2016

¹⁵ Em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/vagabundos-tentam-linchar-um-policial-ou-fascistas-arrancam-sangue-do-verdadeiro-homem-do-povo/>>. Acesso em 31/05/2016

¹⁶ Idem. *Como a metafísica petista criou a violência dos Remelentos e das Mafaldinhas incendiários. Ou: O casamento do estado-babá com o estado prevaricador*. Em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/como-a-metafisica-petista-criou-a-violencia-dos-remelentos-e-das-mafaldinhas-incendiarios-ou-o-casamento-do-estado-baba-com-o-estado-prevaricador/>>. Acesso em 01/06/2016

governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz. Azevedo chega a exigir explicações a José Eduardo Cardozo, então Ministro da Justiça, sobre as prisões de 25 manifestantes.

5.3 O comentário conforme o partido

O juízo de valor sobre a ação dos políticos e do posicionamento dos partidos em meio aos protestos foi um dos temas presentes em praticamente todos os artigos publicados no período analisado neste trabalho.

Existe uma clara diferença no rigor das críticas aos governantes filiados ao Partido dos Trabalhadores e aos políticos de outros partidos. Essa relação fica evidente, num primeiro momento, na articulação das personagens Fernando Haddad (PT), prefeito de São Paulo, e Geraldo Alckmin (PSDB), governador do estado. Conforme os protestos foram tomando proporções nacionais, a presidenta Dilma Roussef e o Partido dos Trabalhadores foram ganhando espaço nos textos de Azevedo.

O primeiro texto – “Petistas davam apoio aos delinquentes que estão nas ruas, depredando o patrimônio público. Cadê o Supercoxinha?”¹⁷ – em que uma autoridade ganha destaque é do dia 08/06/2013. Na publicação, Azevedo escreve sobre o silêncio de Haddad a respeito da manifestação do dia anterior:

Vocês, por acaso, viram a cara do Supercoxinha por aí? Como sempre, ele sumiu, deu no pé, desapareceu, escondeu-se embaixo da cama. É o que sempre faz quando surge um problema (AZEVEDO, 2013).

O primeiro comparativo entre Alckmin e Haddad aparece mais abaixo, no mesmo artigo, quando Azevedo afirma que “o governador Geraldo Alckmin (PSDB) acabou falando sobre o assunto, condenando a violência”. Apesar de implícita, a ordem é para que o prefeito se pronuncie a exemplo do Governador.

Na publicação¹⁸ do dia 10/06/2013 – “O Supercoxinha entre o óbvio e o juízo torto. Ou: Até quando manifestantes porão em risco a vida de terceiros na Paulista?” –, Azevedo comenta as declarações de Haddad sobre as manifestações, que condenam a violência e defendem a atuação da polícia. Apesar do discurso do prefeito estar alinhado com o de Geraldo Alckmin, Haddad ainda é tratado de forma pejorativa, “Supercoxinha”, e

¹⁷ Em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/petistas-davam-apoio-aos-delinquentes-que-estao-nas-ruas-depredando-o-patrimonio-publico-cade-o-supercoxinha/>> . Acesso em: 01/06/2016

¹⁸ Em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-supercoxinha-entre-o-obvio-e-o-juizo-torto-ou-ate-quando-manifestantes-porao-em-risco-a-vida-de-terceiros-na-paulista/>> . Acesso em: 01/06/2016

ironizado por sua fala ao jornal Folha de São Paulo, reproduzida por Azevedo: “Tentar entender a moral de um petista não é nem fácil nem difícil; é apenas inútil em razão da ausência de objeto”.

No texto¹⁹ do dia 12/06/2013 – “Irresponsabilidade, seu nome é Fernando Haddad, uma rima sem solução! Ou: tenha ao menos a coragem de vestir o capuz, prefeito, e sair botando fogo na cidade!!!” –, o autor procura estabelecer uma relação entre Fernando Haddad e o Movimento Passe Livre. Aqui, Azevedo atribui à postura pouco condenatória de Haddad o crescimento das manifestações. É interessante notar a abertura da publicação:

Irresponsabilidade, demagogia, covardia política, pusilanimidade ideológica, oportunismo... Essas são apenas algumas palavras que podem definir uma entrevista concedida à Agência Estado pelo prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT) (AZEVEDO, 2013).

Mesmo sem citar nominalmente o governador Geraldo Alckimin, o autor usa como exemplo o trabalho do governo do Estado em acionar a polícia para lidar com os manifestantes.

E quem é obrigado a arcar com o ônus da irresponsabilidade — inclusive de setores do PT, que agora estão apoiando as ações delinquentes? Ora, o governo do estado, que tem de cumprir a sua parte e acionar a Polícia Militar (AZEVEDO, 2013).

Ilustra o artigo uma montagem de Haddad com o rosto coberto por um pano vermelho, imitando uma espécie de “black bloc”.

Figura 1: “Irresponsabilidade, seu nome é Fernando Haddad [...]”

¹⁹ Em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/irresponsabilidade-seu-nome-e-fernando-haddad-uma-rima-sem-solucao-ou-tenha-ao-menos-a-coragem-de-vestir-o-capuz-prefeito-e-sair-botando-fogo-na-cidade/>>. Acesso em: 01/06/2016.



Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/files/2013/06/Supercoxinha-encapuzado.jpg>

Apesar de o controle dos trens e metrô ser de responsabilidade do governo do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin tem sua imagem associada ao valor da tarifa de transporte público apenas uma vez. Nos demais textos, o governador é associado à segurança pública e às críticas à ação de vândalos nas manifestações.

Ao longo de todo o período analisado, Azevedo constrói uma relação entre o PT e outros partidos de esquerda com os protestos, ora afirmando que os manifestantes foram apoiados por essas legendas²⁰, ora alertando²¹ um novo pacto entre os grupos à frente dos protestos e os tais partidos para fins eleitorais.

Entre os últimos textos publicados no período estudado, chama atenção o que ressalta a expulsão de petistas de um protesto na avenida Paulista, em São Paulo²². No título “Vamos falar finalmente de São Paulo: “fora PT e leva a Dilma com você”, destaca-se uma espécie de mérito no ocorrido, ainda que ao longo do artigo a mensagem seja de ceticismo. Ao final, no entanto, Azevedo evidencia sua posição ideológica: “Eu sou antipetista por um império da racionalidade, não da irracionalidade.”

5.4 A imprensa: “aliada involuntária”

²⁰ Idem 12.

²¹ Em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/atencao-pt-vai-entrar-de-cabeca-na-pantomima-aparelhos-do-partido-de-trabalhadores-e-estudantes-estao-liberados-para-ir-as-ruas-na-segunda-a-ordem-e-nao-tocar-no-valor-da-tarifa-e-se-manifestar-con/>>. Acesso em 02/06/2016

²² Idem 11.

A quarta e última personagem a ser analisada é a imprensa. A forma como os protestos foram transmitidos e cobertos pela mídia foram tema de diversas entradas no *blog* de Azevedo, numa relação metalinguística.

Do começo ao fim do período estudado, Azevedo atribui à imprensa uma parcialidade e militância em favor dos manifestantes. Na primeira vez em que a mídia é figura em seus textos – “Aliados involuntários: Nas redes sociais, bandoleiros que infernizam São Paulo comemoram a cobertura feita pela TV”²³ –, o autor classifica a imprensa como “aliada involuntária”.

Na construção da sua narrativa, Azevedo adjetiva não só os veículos, mas os jornalistas. No texto – “Passe Livre??? Vagabundos, sim! E criminosos também!”²⁴ – do dia 10/06/2013, o autor atribui ao jornalista Bruno Paes Manso, do jornal Estado de S. Paulo, uma matéria parcial em favor dos manifestantes:

No Estadão de ontem, Bruno Paes Manso fez uma reportagem mais do que simpática à “causa”. Sim, leitor, estes são os tempos em que o Estadão (!!!) publica um texto que flerta abertamente com depredadores do patrimônio público (AZEVEDO, 2013).

Apesar de utilizar textos de jornais por diversas vezes em seus artigos, Azevedo descreve repetidamente a imprensa como “militante”. Na primeira vez²⁵ em que esse juízo de valor é utilizado, o autor questiona o valor-notícia de reportagens expondo deficiências do transporte público, sugerindo um suposto apoio às manifestações por parte dos veículos de mídia.

Aqui e ali, já começam a surgir as reportagens de apoio aos trogloditas, com a exposição das deficiências do sistema de transportes, a precariedade dos serviços etc. Não que isso não deva ser noticiado. Mas por que agora? (AZEVEDO, 2013).

O tom das críticas sobe em consonância à cobertura jornalística dos protestos, conforme seus atores e desdobramentos começam a ficar mais complexos. No texto – “Este é um dos seres angelicais, segundo setores da imprensa brasileira”²⁶ – do dia 15/06/2013, o

²³ Em: < <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/aliados-involuntarios-nas-redes-sociais-bandoleiros-que-infernizam-sao-paulo-comemoram-a-cobertura-feita-pela-tv/>>. Acesso em 02/06/2016

²⁴ Em: < <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/passe-livre-vagabundos-sim-e-criminosos-tambem/>>. Acesso em 02/06/2016

²⁵ Idem 2

²⁶ Em: < <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/este-e-um-dos-seres-angelicais-de-setores-da-imprensa-brasileira/>>. Acesso em 03/06/2016

autor acusa a imprensa e o jornalista Elio Gaspari, a quem chama de “Aiatoelio”, de “pintar” os manifestantes como “seres angelicais”.

Não obstante, a se dar crédito a uma cobertura asquerosamente editorializada, que demoniza a PM, ficamos com a impressão de que manifestantes que escolhem métodos verdadeiramente terroristas de protesto são apenas militantes do bem. Certo jornalismo continua na rua, militando... (AZEVEDO, 2013).

Azevedo aponta, ainda, no *post* “Meus votos para São Paulo: ‘Ai, esta terra ainda vai cumprir seu ideal: ainda será tratado pela TV como um Rio de Janeiro subtropical’”²⁷, uma suposta cobertura exagerada dos protestos em São Paulo e um silêncio midiático sobre o Rio de Janeiro: “O Fantástico, que dedicou uma longa reportagem à criminalização da polícia de São Paulo, dedicou ao confronto do Rio... 18 segundos!”. Apesar das críticas, o autor não procura razões para a sugerida parcialidade.

Destaca-se, no entanto, outro texto – “Posso entender que me hostilizem. Mas por que cercaram Caco Barcellos ou incendiaram carro da Record?”²⁸ – em que Azevedo comenta o ataque ao jornalista Caco Barcellos e à equipe de reportagem da TV Record, vítimas de ataques de parte dos manifestantes. O autor se reconhece como parte da mídia e, apesar de afirmar não defender os colegas de profissão, se declara a favor da liberdade de imprensa.

Ainda que Barcellos pensasse o que eu penso — e acredito que, em quase tudo, as diferenças não poderiam ser maiores —, os manifestantes não tinham e não têm o direito de fazer o que fizeram (AZEVEDO, 2013).

6. Considerações

Nos *posts* de Azevedo sobram adjetivos e faltam informações que compõem os fatos. A forma como os manifestantes, os políticos, a polícia e a imprensa aparecem são sempre revestidos de um *a mais*, um sentido que sentencia as personagens para o bem ou para o mal, desenhando o que estamos chamando de produção da realidade. As *palavras de ordem* constituem a comunicação e por onde o poder é exercido nos dispositivos, neste caso, no *blog* vinculado à revista de maior circulação no país.

O que salta aos olhos é o abandono completo dos princípios que orientam a prática jornalística, independente se se refere ao gênero informativo ou opinativo. Princípios como

²⁷ Em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/meus-votos-para-sao-paulo-ai-esta-terra-ainda-vai-cumprir-seu-ideal-ainda-sera-tratado-pela-tv-como-um-rio-de-janeiro-subtropical/>>. Acesso em: 03/06/2016

²⁸ Em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/posso-entender-que-me-hostilizem-mas-por-que-cercaram-caco-barcellos-ou-incendiaram-carro-da-record/>>. Acesso em 03/06/2016

o de equidade e variedade de fontes deveriam fazer parte do arranjo de toda narrativa jornalística.

O nascimento do jornalismo moderno a partir da invenção da notícia é do século 19 e coincide com a fase mais disciplinar da sociedade, trabalhadas por Foucault, sobretudo, em *Vigiar e Punir* (1987). Não distante, o positivismo que influenciou as pesquisas no mesmo período, deu as condições para a emergência de um jornalismo que tinha no horizonte ser cópia do real (é evidente que este princípio nunca se sustentou). Mas, o que se pode observar, bem ao contrário, é que a prática jornalística – no modelo de comunicação de massa – não se dissocia do veículo – levando-nos ao par discurso/dispositivo por onde se exerce o poder.

Os discursos de Azevedo não estão dissociados da posição da revista *Veja* frente aos seus interesses políticos e econômicos, o que nos leva ao tema que atravessa as teorias do jornalismo, o da relativa autonomia do jornalista. Neste caso, o jornalista blogueiro está completamente alinhado com a posição do periódico, levando-o a exercer seu trabalho livremente.

7. Referências

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Vol 2. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

FERNANDES, Edson e ROSENO, Ricardo de Freitas. **Protesta Brasil**: das redes sociais às manifestações de rua. São Paulo: Prata Editora, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Vol. I. A vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1997a.

_____. **Estratégia, poder-saber**. Ditos & Escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 2001.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

G1, **Resultados das manifestações de junho**. Disponível em <<http://g1.globo.com/brasil/linha-tempo-manifestacoes-2013/platb/>>

GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e filosofia da comunicação**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis, Vozes, 1985

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010.

SILVA, Carla Luciana da. **Veja: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)**. Cascavel. Edunioeste, 2009. 279 p. Coleção Tempos Históricos.

VILLALTA, Daniella. **O surgimento da revista Veja no contexto da modernização brasileira**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 de Set 2002.